



SANTOS, Cristine Alvarenga Rocha. **A teoria das representações sociais e a análise do discurso em uma narrativa esportiva de futebol.** *Revista Diadorim / Revista de Estudos Linguísticos e Literários do Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas da Universidade Federal do Rio de Janeiro*. Volume 10, Dezembro 2011. [<http://www.revistadiadorim.letras.ufrj.br>]

A TEORIA DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS E A ANÁLISE DO DISCURSO EM UMA NARRATIVA ESPORTIVA DE FUTEBOL

Cristiane Alvarenga Rocha Santos¹

RESUMO

Concebida no âmbito da Psicologia Social, a Teoria das Representações Sociais (TRS) apresentou muitas contribuições para a compreensão do fenômeno em questão, porém, reconhecemos que o que é desenvolvido pela teoria não é suficiente para o seu estudo, pois não leva em conta o papel que a linguagem desempenha no processo de construção, difusão e transformação dessas representações. Assim, observamos que o fenômeno ora é reduzido ao domínio do cognitivo, ora ao domínio do social. Partindo dessas considerações, este trabalho tem por objetivo apresentar uma discussão introdutória acerca das representações sociais no campo da Psicologia Social, de onde ela emerge, identificar interfaces entre a teoria do discurso e a TRS e, por fim, ressaltar a necessidade de se realizarem estudos sobre o fenômeno no domínio das pesquisas sobre o discurso. Para isso, retomaremos alguns aspectos da Teoria das Representações Sociais (TRS) de Serge Moscovici (1979, 2003) e, em seguida, abordaremos as contribuições de Jodelet (2001), Cabecinhas (2004), Orvig (2003), Py (2000), Sá (1998) e Matêncio (2006, 2008), os quais defendem a importância de um tratamento discursivo ao fenômeno. Em seguida, apresentaremos uma análise discursiva das representações sociais, mostrando como elas se materializam no discurso construído durante uma partida de futebol, neste caso, da seleção brasileira feminina de futebol. Este estudo demonstra como a mídia foi e continua sendo um veículo de difusão de representações sociais, bem como de comportamentos e opiniões, mesmo em gêneros que possuíam uma finalidade primeira de entreter. Além disso, com esta discussão pretendemos despertar os pesquisadores para a importância dessa investigação no âmbito da Análise do Discurso, a partir de uma interface sócio-cognitiva das representações sociais.

PALAVRAS-CHAVE: representações sociais; análise do discurso; narrativa esportiva de futebol.

1. Doutoranda em Linguística e Língua Portuguesa na PUC/MG (bolsista CAPES).

ABSTRACT

Designed as part of Social Psychology, Social Representations Theory (SRT) has made many contributions to understanding the phenomenon in question, however, recognize that what is developed by the theory is not sufficient for the study because it does not take into account the role that language plays in the construction, distribution and transformation of these representations. Thus, we observe that the phenomenon is now reduced to the cognitive domain, sometimes to the social field. Based on these considerations, this paper aims to present an introductory discussion about the social representations in Social Psychology, where it arises, identify interfaces between the TRS and the theory of discourse and, finally, emphasize the need for further studies on the phenomenon in the field of research on speech. For this, we will resume some aspects of the Social Representations Theory (SRT) by Serge Moscovici (1979, 2003) and then discuss the contributions of Jodelet (2001), Cabecinhas (2004), Orvig (2003), Py (2000), Sá (1998) and Matêncio (2006, 2008), which advocate the importance of a discourse to the phenomenon. Then, we present a discursive analysis of social representations, showing how they materialize in the discourse constructed during a football match, in this case, Brazilian women's football. This study demonstrates how the media was and remains a vehicle for the dissemination of social representations, as well as behavior and opinions, even in genres that possess a primary purpose to entertain. In addition, we intend to wake up this discussion with the researchers to the importance of research in the discourse analysis from a socio-cognitive interface of social representations.

KEYWORDS: social representations; discourse analysis; soccer narrative.

A Teoria das Representações Sociais

Moscovici (1979), quando propôs a Teoria das Representações Sociais (doravante TRS), inserida na Psicologia Social, partiu da observação do que pensavam vários estudiosos da época – tanto da Psicologia, quanto da Sociologia. Apesar disso, sua principal referência foi Durkheim, cuja perspectiva influencia pesquisas até hoje no campo das ciências sociais.

O que se via no mundo durante o final da II Guerra Mundial era uma divisão quanto ao lugar que deveria ocupar a Psicologia Social. Seria uma subdisciplina da Psicologia, como defendiam os norte-americanos, por acreditarem ser seu objeto de estudo o indivíduo? Ou seria ela uma subdisciplina da Sociologia, centrando seu estudo no coletivo?

Durkheim (*apud* FARR, 1995, p. 35) afirmava que o estudo das representações individuais cabia à Psicologia, enquanto o estudo das representações coletivas caberia à Sociologia. Essa diferenciação se explica pela “[...] crença, da parte do teórico, de que as leis que explicavam os fenômenos coletivos eram diferentes do tipo de leis que explicavam os fenômenos em nível de indivíduo.” Para

ele, as representações coletivas não poderiam ser reduzidas às representações individuais, já que fatos sociais só seriam explicados a partir de fatos sociais.

Moscovici (*apud* FARR, 1995, p.31) retoma esse ponto de vista de Durkheim, definindo representações sociais como “uma forma sociológica de Psicologia Social”. Apesar disso, critica o sociólogo por não abordar diretamente nem explicar a diversidade de formas em que se organiza o pensamento, e por conceber as representações coletivas como permanentes, não apresentando a dinamicidade no tempo e no espaço em que acreditava. Moscovici deixou-se influenciar também pelos trabalhos de Mead (*apud* FARR, 1995, p. 40), que criticava o caráter puramente individual da mente humana, e ressaltava a importância da linguagem para se compreender a natureza do homem.

As representações sociais são conjuntos dinâmicos, sua característica é a produção de comportamentos e de relações com o meio, é uma ação que modifica a ambos e não uma reprodução destes comportamentos ou destas relações, nem uma reação a um estímulo exterior dado.”¹ (MOSCOVICI, 1979, p.6)

Ao usar a terminologia representações sociais (RS), o autor propõe um distanciamento do que Durkheim chamou de representações coletivas (RC), isso porque, para Moscovici, RS seria mais adequado às sociedades modernas, caracterizadas pela diversidade e pela fugacidade com que ocorrem as mudanças. Segundo ele, as RS “[...] são entidades quase tangíveis.” (MOSCOVICI, 1979, p.1), pois, embora tenha uma realidade fácil de captar, seu conceito possui grande complexidade de definição, já que concebe ser o indivíduo, ao mesmo tempo, produto e modificador da sociedade.

Quando pensamos que o conceito de RS envolve o ato de representar, concordamos com o autor quando diz que as RS são apenas uma das formas de o ser humano captar o mundo ao seu redor. Mais adiante, ao propormos uma aproximação da TRS com o estudo do discurso, defendemos que isso se dá especialmente por meio da linguagem, aspecto que Moscovici não destacou em sua teoria.

Retomando a idéia de que a Psicologia Social de Moscovici (2003) partiu do princípio de que as mudanças na sociedade se caracterizam pela rapidez e pela pluralidade, o autor ressalta que “é no curso de tais transformações que a ancoragem e a objetivação se tornam processos significantes.” (MOSCOVICI, 2003, p.15). A ancoragem e objetivação são, portanto, dois processos tratados pelo autor para tentar explicar como construímos as RS. Em termos simples a ancoragem é o processo que

2. “[...] las representaciones sociales son conjuntos dinámicos, su característica es la producción de comportamientos y de relaciones con el medio, es una acción que modifica a ambos y no una reproducción de estos comportamientos o de estas relaciones, ni una reacción a un estímulo exterior dado.”

permite a dois ou mais interlocutores tornar familiar, em uma prática discursiva, algo que não lhes é familiar. Enquanto isso, a objetivação seria o processo que lhes permite estabilizar temporariamente essa(s) informação(ões).

De acordo com Moscovici (2003, p.20), “[...] A familiarização é sempre um processo construtivo de ancoragem e objetivação [...] Mas a mesma operação que constrói um objeto dessa maneira é também constitutiva do sujeito.” Isso significa que o sujeito, ao mesmo tempo em que colabora com suas experiências e conhecimentos para a construção do discurso, se constrói e atualiza ou reafirma essas experiências e conhecimentos a partir do discurso. Assim, o autor diz que as RS têm também por função revelar a identidade do sujeito que produz um discurso:

As representações sociais emergem, não apenas como um modo de compreender um objeto particular, mas também como uma forma em que o sujeito (indivíduo ou grupo) adquire uma capacidade de definição, uma função de identidade, que é uma das maneiras como as representações expressam um valor simbólico [...].
(MOSCOVICI, 2003, p.21)

Jodelet (2001), apesar de dar continuidade à perspectiva de Moscovici, promove alguns avanços, concebendo representações sociais como “[...] uma forma de conhecimento, socialmente elaborada e partilhada, com um objetivo prático, e que contribui para a construção de uma realidade comum a um conjunto social.” (JODELET, 2001, p.22). Devemos entender esse “partilhar” como uma co-construção dos sujeitos que participam da elaboração discursiva, os quais podem convergir ou divergir nos seus pensamentos, mas que, ainda assim, co-operam para a compreensão do mundo a que fazem referência. A autora também discute a amplitude das RS, afirmando que

[...] as representações sociais – enquanto sistemas de interpretação que regem nossa relação com o mundo e com os outros – orientam e organizam as condutas e as comunicações sociais. Da mesma forma, elas intervêm em processos variados, tais como a difusão e a assimilação dos conhecimentos, o desenvolvimento individual e coletivo, a definição das identidades pessoais e sociais, a expressão dos grupos e as transformações sociais. (JODELET, 2001, p.22)

Moscovici (2003) pretendia tratar as RS tanto no domínio do cognitivo quanto no domínio do social, “[...] referindo-se tanto ao processo pelo qual as representações são elaboradas, como às es-

truturas de conhecimento que são estabelecidas.” (2003, p.20). Assim também afirma Jodelet, ao dizer que enquanto fenômenos cognitivos “[...] as representações sociais são abordadas concomitantemente como produto e processo de uma atividade de apropriação da realidade exterior ao pensamento e de elaboração psicológica e social dessa realidade.” (JODELET, 2001, p.22). O que se conclui, a partir de ambos é que a mente humana é resultado de um processo sócio-cognitivo, o que nos leva a propor o estudo das RS dentro de uma concepção interacionista do discurso.

A comunicação, vista por Jodelet (2001, p.32) como “[...] um vetor de transmissão da linguagem [...] incide sobre os aspectos estruturais e formais do pensamento social [...]”, além de contribuir “[...] para forjar representações que, apoiadas numa energética social, são pertinentes para a vida prática e afetiva dos grupos.”

Para Moscovici (*apud* Jodelet, 2001, p.30), a comunicação incide sobre três níveis: “ao nível da emergência das representações cujas condições afetam os aspectos cognitivos” (sendo as condições: a dispersão e a defasagem das informações relativas ao objeto representado; o foco sobre certos aspectos do objeto, em função dos interesses e da implicação dos sujeitos; e a pressão à inferência referente à necessidade de agir, de tomar posição ou de obter o reconhecimento e a adesão dos outros); “ao nível dos processos de formação das representações, a objetivação e a ancoragem [...]” e, por fim, “ao nível das dimensões das representações relacionadas à edificação da conduta [...]”.

Partindo da idéia de que a representação consiste em uma reconstrução de um objeto pelo sujeito que pode provocar uma defasagem em relação a seu referente, Jodelet (2001, p.36) apresenta três tipos de efeito que essa defasagem pode causar no nível dos conteúdos representativos: a distorção, em que “[...] todos os atributos do objeto representado estão presentes, porém acentuados ou atenuados [...]”; a suplementação, que implica “[...] conferir atributos e conotações que não lhe são próprias ao objeto representado, resulta de um acréscimo de significações devido ao investimento do sujeito naquilo e a seu imaginário.”; e a subtração, que “[...] corresponde à suspensão de atributos pertencentes ao objeto: na maior parte dos casos, resulta do efeito repressivo das normas sociais.”

A autora ainda afirma que o conteúdo das RS pode ser apreendido de dois modos – como campo estruturado e como núcleo estruturante, o que se assemelha à proposta de Abric (*apud* Jodelet, 2001) sobre a existência de um núcleo central e um eixo periférico. Para Abric, esse esquema representa o duplo caráter das RS, pois enquanto no núcleo central estariam aquelas RS mais cristalizadas, mais estáveis, no núcleo periférico estariam aquelas mais sujeitas à instabilidade nas trocas comunicativas. Portanto, os conhecimentos e experiências em nossa mente estariam em um constante movimento, fruto das nossas variadas interações, até se estabilizarem temporariamente no núcleo central.

Para encerrar esta sessão, citaremos Celso Pereira Sá (1998), que em seu livro *A construção do*

objeto de pesquisa em Representações Sociais, faz algumas considerações sobre diferentes metodologias e perspectivas de estudo das RS. Segundo ele, devido ao caráter psicossociológico amplo que as RS apresentam, suas dimensões de estudo são diversas. Uma visão panorâmica dessas possibilidades pode ser encontrada também em Jodelet (2001, p.27), que, citada também por Sá (1998), apresenta três dimensões básicas do estudo das RS:

(1) “Quem sabe e de onde sabe?”, cujas respostas apontam para o estudo das condições de produção e circulação das representações sociais; (2) “O que e como se sabe?”, que corresponde à pesquisa dos processos e estados das representações sociais; (3) “Sobre o que se sabe e com que efeito?”, o que leva a uma ocupação com o estatuto epistemológico das representações sociais. (JODELET, *apud* SÁ, 1998, p.32).

Embora grande parte das pesquisas se concentre em apenas uma dessas dimensões, devido, muitas vezes, à reduzida disponibilidade de tempo e recursos, Sá (1998) acredita que a pesquisa em RS deve tentar atrelar essas três dimensões a fim de alcançar resultados mais satisfatórios em termos de qualidade e de quantidade. Além disso, percebemos que, apesar do número extenso de estudos sobre o assunto, alguns fenômenos têm sido mais explorados que outros.

A TRS e a Análise do Discurso: perspectivas

Matêncio (2006), ao estudar a Teoria das Representações Sociais, apontou algumas críticas à perspectiva de Moscovici, dizendo que a definição dada por ele às RS é muito mais uma definição das funções que a linguagem desempenha, numa tentativa de diferenciá-la de seus processos representacionais. Segundo ela, a TRS daria mais ênfase no social, enquanto outras, como as propostas de Abric e Doise & Mugny (*apud* Sá, 1998) tenderiam mais para o cognitivo. A ideia defendida pela pesquisadora, portanto, seria a de uma articulação entre o social e o cognitivo, partindo de um referencial sociointeracionista dos estudos da linguagem, que procura:

(...) explicar como o homem significa e se significa nas relações com os outros, procurando, ainda, descrever e explicar como a significação se constrói sempre em processos de interação, nos quais a ação individual – simbolicamente construída – implica e é implicada pela/na ação social. (MATÊNCIO, 2006, p.34)

Sendo assim, ela propõe que as RS possuem uma face cognitiva, representada por operações mentais e lingüísticas realizadas pelos indivíduos, o que pode corresponder ao que Moscovici denominou como “ancoragem”, e uma outra face social, que caracteriza as práticas languageiras intersubjetivas, as interações sociais – que se assemelham ao processo de “objetivação”, já que, a partir da ancoragem, durante as trocas languageiras, os indivíduos partem para uma objetivação dessas RS. Logo, o ideal seria associar à TRS uma análise discursiva e interacionista das RS nos discursos, já que são neles que essas representações virão “à tona”, na forma de objetos de discurso, revelando também a identidade dos sujeitos que interagem entre si:

[...] o estudo das formas de categorização e recategorização de objetos de discurso deveria dar conta de identificar os efeitos das representações sociais na construção dos papéis sociais e comunicativos dos sujeitos, assinalando suas funções identitárias nos movimentos de objetivação e subjetivação que manifestam. Este estudo deveria, ainda, focalizar os movimentos em que o recurso a uma determinada forma languageira funciona como estratégia para se ser compreendido ou para vincular-se a/distinguir-se de grupos ou determinadas práticas sociais. (MATÊNCIO, 2008, p.7).

De acordo com Charaudeau e Maingueneau (2004), as RS sempre estiveram associadas, na Análise do Discurso, às noções de “interdiscursividade” e “dialogismo”. Eles explicam que o processo de subjetivação consiste na construção dos próprios sujeitos durante as atividades de interação. Em concordância com Matêncio (2006, 2008), diremos que se trata de uma co-construção, pois dois sujeitos engajam-se, construindo, em uma ação conjunta, objetos discursivos (ancoragem e objetivação) e, conseqüentemente, a si mesmos enquanto sujeitos deste ou daquele discurso (subjetivação).

Orvig (2003), partindo de uma teoria semiolinguística, também percebe o discurso como um lugar de construção identitária dos sujeitos, sendo possível identificar quem é esse sujeito que fala/escreve (não o sujeito de “carne e osso”) e de onde fala/escreve, seu posicionamento em relação ao que enuncia, a quem enuncia e de que modo enuncia. As RS dos sujeitos, portanto, poderiam ser resgatadas a partir das interações estabelecidas entre os indivíduos por meio do discurso.

Py (2000) também afirma que a TRS não é suficiente para o estudo das representações sociais, pois não leva em conta o papel que a linguagem desempenha no processo de construção, difusão e

3. “Les actions ou les discours apportent des propriétés spécifiques essentielles à l'existence de ce que nous appelons RS.”

transformação dessas RS, reduzindo o fenômeno ou ao domínio do cognitivo ou do social. Segundo ele, “as ações ou os discursos possuem propriedades específicas essenciais à existência disso que chamamos RS.”⁴ (2000, p.11).

A partir disso, o pesquisador afirma que as RS são constituídas de “representações de referência” (RR) e “representações de uso” (RU). As primeiras são um enunciado que aciona uma memória discursiva durante uma interação, a qual se torna um ponto comum a todos os indivíduos dessa troca. Segundo Py (2000, p.16), “[...] são constituídas de crenças reconhecidas ou reputações reconhecidas pelo conjunto dos membros de um grupo qualquer, independentemente do fato de que os membros em si mesmos aderem ou não.”⁵ As últimas caracterizam-se pelas diferentes posições que um participante pode assumir durante a interação, podem ser provocadas ou sugeridas pelas RR’s. “Ao se elaborarem elas se socializam na medida em que elas conseguem chegar a uma versão que faz o objeto de um consenso explícito ou tácito.”⁶ (PY, 2000, p.16).

Tratando mais especificamente da Análise do Discurso, diremos, em linhas gerais, que é uma área de estudo que toma o discurso como seu objeto, a partir da observação de marcas lingüísticas e enunciativas reveladoras dos papéis dos sujeitos que participam de uma interação, de seus posicionamentos diante das mais variadas situações comunicativas, dentre muitos outros fenômenos da linguagem que emergem das práticas sociais. Orvig (2003, p. 272) assim define discurso:

O discurso constitui-se, em primeiro lugar, em uma instância de funcionamento da linguagem, o produto de uma enunciação particular, oral ou escrita, em uma situação ou um quadro interlocutivo dado [...] se realiza em um quadro de trocas efetivas e imediatas entre dois interlocutores [...] mas pode igualmente se dar à distância [...] ou sobre um plano memorial ou imaginário [...]⁷

Quando a pesquisadora usa a expressão “enunciação particular” parece retomar a noção benvenistiana de que um mesmo enunciado terá um sentido único em cada enunciação de que fizer parte,

4. “Les actions ou les discours apportent des propriétés spécifiques essentielles à l’existence de ce que nous appelons RS.”

5. “[...] les RR sont constituées de croyances reconnues ou réputées reconnues par l’ensemble des membres d’un groupe quelconque, indépendamment du fait que les membres eux-mêmes y adhèrent ou pas.”

6. “En s’élaborant elles se socialisent dans la mesure où elles parvinrent à une version qui fasse l’objet d’un consensus explicite ou tacite.”

7. “Le discours constitue, tout d’abord, instance de fonctionnement du langage, le produit d’une enunciation particulière, orale ou écrite, dans une situation et un cadre interlocutif donné [...] se réalise dans le cadre d’un échange effectif et immédiate entre deux interlocuteurs [...] mais peut également se donner à distance [...] ou sur un plan mémoriel et imaginaire [...].”

caracterizando-se como um evento comunicativo singular – “[...] cada atividade de linguagem é reinventada pelos interlocutores a cada encontro. Cada atividade possui seu jogo, seus objetivos, sua ancoragem social, determinada pelos encadeamentos discursivos dos participantes e modos específicos.”⁸ (ORVIG, 2003, p. 274).

Uma outra faceta do discurso é o caráter dialógico que apresenta, já que o sentido se constrói nas interações, nos saberes, valores e experiências partilhados por meio dos discursos. Assim, as palavras são carregadas de valores socialmente partilhados que trazem, por sua evocação, o locutor a interpretar o discurso de uma certa maneira, o que revela que esses conhecimentos e experiências, tratados pela autora como “pré-construídos”, podem trazer uma “carga” argumentativa com base nas crenças dos sujeitos. Além disso, os gêneros discursivos podem ser considerados como pré-construídos, na medida em que apresentam certa regularidade de características que permitem aos interlocutores co-construírem um sentido para o discurso que produzem.

Podemos recuperar a identidade desses sujeitos a partir de fenômenos como a categorização e a modalização também. A categorização é um processo pelo qual os indivíduos constroem os objetos de discurso, partindo do seu ponto de vista, de sua interpretação da realidade. Para Orvig (2003), essa interpretação não se restringe apenas a objetos isolados, mas também a experiências, acontecimentos, relações, por exemplo. Quanto à modalização, ela revela o olhar dos sujeitos por meio de verbos, de predicativos, de marcas metadiscursivas, modalidades apreciativas, avaliativas, dentre muitas outras.

Após essas considerações, propomos agora analisar a emergência das RS na interação estabelecida em uma narrativa esportiva de futebol, entre o narrador e dois comentaristas em um jogo da seleção brasileira feminina de futebol, transmitido pela Rede Bandeirantes. Pretendemos também desvelar, a partir das RS, a identidade construída por esses interlocutores durante a co-construção do discurso.

Uma proposta de análise

Como vimos, as RS caracterizam-se como um fenômeno sóciocognitivo, que é co-construído pelos participantes de uma interação. Sendo assim, é necessário identificarmos quem são os interlocutores e em que prática social estão inseridos.

A partida de futebol feminino que analisaremos ocorreu como parte das eliminatórias para os Jogos Olímpicos de Pequim, entre as seleções brasileira e ganesa. Foi transmitida pela Rede Bandeiran-

8. “[...] chaque activité, avec ses enjeux, ses objectifs, son ancrage social, determine les rôles discursifs des participants et des modes de déroulement spécifiques.”

tes, com narração de Sílvio Luiz e comentários de Neto – um ex-jogador de futebol – e Juliana – que já esteve na seleção do Brasil, mas hoje joga em times menores.

Sílvio Luiz desempenha um papel enunciativo de narrador, que possui um reconhecimento, uma credibilidade, no meio em que atua e entre os telespectadores. É revelador de um estilo peculiar, irônico, cômico e até mesmo debochado em alguns momentos (é típico de narradores esportivos “criarem” um estilo de narração a fim de diferenciar-se de outros). Como narrador, tem como função principal situar o telespectador sobre o que acontece em campo, é o que Charaudeau (2006), ao discutir o contrato midiático, chama de processo de “transação”, ou seja, à instância midiática cabe passar o acontecimento de um estado “bruto” (embora já interpretado) para um estado de mundo midiático construído. Já o processo de “transformação” consiste nesta instância construir, no caso, a narrativa em função de como ela imagina a instância receptora, a qual reinterpreta a narrativa à sua maneira. Quanto a Sílvio Luiz, observamos que sua narrativa busca distanciar-se um pouco da narrativa radiofônica, que tende a descrever cada ação que se passa em campo, assim ele narra as ações, mas em muitos momentos também comenta.

Neto e Juliana atuam como comentaristas na interação que estabelecem, ao mesmo tempo com o narrador e com o telespectador. Também possuem um reconhecimento social, tendo em vista serem do meio esportivo e já terem atuado ou ainda atuarem como jogadores profissionais. Apenas se expressam sobre o que acontece no jogo com a finalidade de apresentar o seu ponto de vista sobre o que foi relatado pelo narrador ou para dar alguma informação “extra” para os seus interlocutores.

A presença de Juliana na posição de comentarista pode revelar uma formação discursiva que será defendida ao longo da narrativa, a de que a Band seria uma emissora que colabora com o futebol feminino no país, ao contrário da maioria das pessoas que não o valorizam ou incentivam. Observe-mos um dos diálogos entre Neto e Sílvio Luiz:

SL: Então, já que a CBF não ajuda, tem gente que ajuda e quer que o nosso futebol feminino medalha de prata em Atenas, campeã pan-americana, quer dizer, tem gente que fala que ajuda, mas não ajuda, o que que nós vamos fazer? Vamo lá então.

N: A Band faz a parte dela...

SL: Tamo fazendo o nosso.

Devemos notar também que o gênero “narrativa de futebol”, prática discursiva em que se inscrevem esses interlocutores, apresenta certas regularidades, as quais remetem a uma representação social, a partir de pré-construídos “partilhados” entre o narrador e os comentaristas e entre eles e o

telespectador. Esses pré-construídos agregam desde os conteúdos temáticos e o modo como eles se organizam neste gênero em particular – os quais variam grandemente em uma narrativa esportiva – até a estrutura formal mais ampla (foco das câmeras, *replays*, publicidades, placar, informações sobre faltas, chutes a gol, entre muitas outras).

Além disso, este gênero caracteriza-se por uma troca de turnos de fala, geridos pelo narrador, com uma linguagem próxima da informalidade, semelhante a uma conversa entre amigos. Cabe ao narrador informar também sobre o início e o término da transmissão por meio de marcas lingüístico-discursivas presentes na narrativa:

SL: Bom dia, Guilherme! Salve, salve, salve, amigos da Band! A execução do hino nacional no Estádio dos Trabalhadores em Pequim, onde de novo estaremos dentro de muito pouco tempo. Vamos, agora, meus amigos, para o hino nacional de Gana. [...] Começa a transmissão! Os amigos da Band vão poder saber o que nos espera em matéria de transmissão das Olimpíadas. Vamos ver a escalação. Vai começar. [...] Acabou! Termina em Pequim!! Com a classificação da seleção brasileira feminina de futebol! Boa sorte à equipe brasileira de futebol feminino. Pequim 2008, o Brasil torce na Band. Guilherme...

Observamos que essas marcas constituem a rotina do gênero, na medida em que permitem ao telespectador identificar quando é convocado a interagir, participando da co-construção da narrativa, e quando esse contrato entre ele, o narrador e os comentaristas se rompe.

Analisando as falas de cada um dos “locutores”⁹ ao longo da narrativa, percebemos algumas pistas de representações sociais que fazem parte do universo de vivência, crença, de cada um deles as quais remetem a um posicionamento identitário desses sujeitos em relação à discussão central que permeia toda a narrativa – a performance do futebol feminino e a falta de incentivo pelas autoridades a essa categoria do esporte.

O que notamos são duas RS em conflito, as quais emergem da co-construção de objetos de discurso e de modalizadores diversos. De um lado, Sílvio Luiz imprime muitas críticas negativas e, até mesmo ofensivas, às jogadoras em geral, concorda em alguns momentos com os outros participantes, porém sem muito entusiasmo. Por outro lado, Neto e Juliana enfatizam em seu discurso a qualidade das jogadoras, a garra e a força que elas tem de continuar jogando, mesmo com os obstáculos e a falta de incentivo.

9. Tratarei como “locutores” as instâncias enunciativas em posição de enunciadore, ou seja, o narrador e os comentaristas.

SL: [...] Sulemana, dá uma olhada no tamanho dela! Eh... ela não tem pressa não... diz aqui na... no (?) que eu to recebendo aqui... aí calma já arrumou, isso aí... lateral... a a goleira da equipe de Gana, Sulemana, nasceu no dia quatro de novembro de setenta e sete, dizem que ela pesa 79 quilos! Tem que fazer um regimezinho, né? A goleira, né, tem que subir, cair, tal, com 79 quilos é meio brabo... [...]

Neste primeiro trecho, podemos identificar algumas marcas que demonstram um tom depreciativo do narrador em relação à forma física da goleira de Gana, como nas expressões “olha o tamanho dela!”, “ela pesa 79 quilos!”, “tem que fazer um regimezinho, né?”, mas também em relação ao seu desempenho ou falta de condições para ocupar a posição que ocupa – “ela não tem pressa não” e “a goleira, né, tem que subir, cair, tal, com 79 quilos é meio brabo”. Esse tipo de comentário estende-se às árbitras, a quem se refere como “madames” e “bonitinha”, em um tom depreciativo, que estão “meio barrigudinhas” de tanto comer miojo, segundo ele; e às jogadoras brasileiras – “como a Maycon engordou também?! Eita nós, ta todo mundo acima do peso, né? Todo mundo gordinho, né?”.

Embora o narrador faça críticas também ao desempenho das jogadoras, a preocupação com a forma física, em especial, delas e das árbitras é algo que aparece com muita frequência na narrativa de Sílvio Luiz, o que nos leva a questionar se o mesmo aconteceria durante uma narração de uma partida masculina, ou se a ênfase maior seria no desempenho dos jogadores.

SL: [...] Ó Bárbara! Alongando agora, Bárbara? Uai! Hum... não to sentindo muita fé nessa goleira, Juliana... conhece ela de onde?

J: A Bárbara é uma excelente goleira, Sílvio. Ela teve presente aí no Sul Americano sub-20 é... é uma goleira nova. Se eu não me engano, ela faz a sua estréia na seleção principal, então é um jogo importante.

SL: é...é...

J: Mas estamos bem representados com a Bárbara no gol.

SL: Tamo... (em tom de ironia) chutando grama... saindo errado... tamo bem... aqui em cima com essa tal de Bárbara.

N: É que ela... tava jogando no Sport do Recife...

SL: Ah? E daí?

N: E... e aí tava dizendo que tava desempregada e agora que tava na oportunidade do 1º jogo... ainda ta por aquela saída de bola dela... ela ta nervosa, dá pra perceber

muito bem que ela ta intranqüila, então tem que ter calma... Não precisa bater o tiro de meta, chama a Aline pra bater, a Renata Costa, sai... num num... chama a responsabilidade, não precisa fazer isso.

SL: vai me estragar o campo logo na estréia, entendeu? [...]

Neste trecho, o narrador zomba do desempenho da goleira da seleção brasileira, tentando levar os comentaristas e telespectadores a crer na sua incompetência para estar na seleção e em uma partida tão importante. Os argumentos que nos levam a essa conclusão são: o questionamento de que ela não deveria estar alongando no momento de bater um tiro de meta; na hora em que foi chutar a bola, acabou chutando a grama, “saindo errado”; ela está, segundo a visão dele, “estragando o campo logo na estréia”. Esta última fala de Sílvio Luiz nos permite entender “campo” como a própria “grama”, assim como a própria imagem da seleção feminina de futebol.

Este é um dos momentos em que o conflito se instala, já que Neto e Juliana saem em defesa da goleira, argumentando que ela é “uma excelente goleira”, que possui experiência – “teve presente aí no Sul Americano sub-20”, “é uma goleira nova”, “estamos bem representados com a Bárbara no gol”. Neto busca justificar para o narrador as atitudes da goleira, dizendo que ela está “nervosa”, “intranqüila” e que ela precisa é “ter calma”.

SL: Vai se arrumando aí o time... aperta! Aperta aí, Formiguinha! Não deixa sair com ela... Eu num to gostando muito é dessa defesa... ta faltando uma capitã lá atrás... ta faltando a nossa Juliana Cabral... que botava ordem naquela cozinha ali, minha filha! Salada de (?), couve lavadinha, feijãozinho ficado ali, né? Dois dias pra amolecer... Essa cozinha brasileira, Juliana, eu não to gostando muito ô... ô Juliana.
J: Não, Sílvio, elas... ah... defesa do Brasil tem se portado muito bem... no mundial fez um belo campeonato. Acho que essa nossa defesa aí é muito forte, a Aline, a Marta, a Renata Costa que foi... é com você. [...] Acho que as meninas estão muito bem.

SL: É... tem que defender, né? Eu eu acho... senão fica... não... tem que defender a (o narrador parece não saber o que dizer, hesita) a classe dela. [...] aí nós tamo muito afobado... [...]

Neste trecho Sílvio, Luiz dialoga com a comentarista Juliana. É interessante como ele metafórica a defesa da seleção brasileira como uma “cozinha” que precisa de ordem, termo que faz parte de um

domínio discursivo específico, mas que pode adquirir uma conotação “machista”, quando acionamos o pré-construído de que “lugar de mulher é na cozinha”.

Assim, ele encadeia várias expressões que poderiam fazer parte desse campo semântico como “salada”, “couve lavadinha”, “feijãozinho ficado ali, né? Dois dias pra amolecer”. Quando Juliana se posiciona em favor da defesa brasileira, o narrador a compreende como estando em favor da “classe” dela, embora hesite em dizê-lo, o que nos leva a concluir que não se trata da “classe das jogadoras de defesa”, mas da “classe feminina”, das jogadoras de futebol.

Ao longo da narrativa, percebemos muitas outras marcas reveladoras de um posicionamento dos locutores. Sílvia Luiz, por exemplo, lança mão de muitos adjetivos e diminutivos para se referir às jogadoras e árbitras, na maior parte das vezes, em tom depreciativo, além de questionar a competência de muitas jogadoras, tanto brasileiras quanto ganesas.

Enquanto isso, os comentaristas buscam em apreciações, qualificações e em expressões metadiscursivas meios para mostrar que o futebol feminino tem futuro no Brasil, que as jogadoras são “habilidosas”, “guerreiras” e “heróicas”. Segundo Neto, têm experiência, embora não tenham incentivo financeiro, político e até mesmo social.

Seria interessante apresentar muitas outras passagens, mas o propósito deste trabalho era apenas dar uma amostra de como duas RS em conflito – a de que o futebol feminino é tão bom quanto o masculino e a de que o futebol feminino ainda tem “muito que aprender” – emergem em uma narrativa de futebol. Isso é percebido, como pudemos ver, por meio de diversas marcas lingüísticas reveladoras de identidades que colaboram para a construção, por parte dos interlocutores (e aqui incluímos os telespectadores), de duas imagens: a imagem de um narrador que, pelo seu discurso, revela traços de pessimismo e uma visão pejorativa diante do futebol feminino (talvez até com resquícios de uma visão um pouco “machista” do futebol); a imagem de comentaristas que procuram revelar o que esta seleção tem apresentado de positivo, aproveitando o espaço para promover certa publicidade do futebol feminino, tentando mostrar que ele precisa de mais incentivo e apoio em todos os sentidos.

O sentido da interação que esses locutores estabelecem entre si é co-construído quando eles “jogam” com seus pré-construídos, desde a intercompreensão do gênero e suas regularidades, passando pelos papéis discursivos que assumem, até a escolha dos argumentos em favor de um ponto de vista acerca de determinado tema. O reconhecimento das representações que cada um possui da realidade do futebol feminino também permite que eles se posicionem, criando uma identidade da qual o telespectador busca se aproximar ou se afastar.

Considerações finais

Observamos que uma análise adequada do fenômeno não deve concebê-lo apenas como uma ligação entre a psicologia e a sociologia, entre o indivíduo e a sociedade, mas como um “produto” que se instaura no discurso ou dele emerge, a partir de operações cognitivas e de interações verbais e/ou não-verbais entre os sujeitos. O estudo das representações sociais consiste em responder como o homem constrói a realidade, e essa construção, como acabamos de dizer, é fruto dessa relação entre cognição e interação (ambas apresentando caráter social), porém, sob um viés discursivo, já que é no discurso que essa representação se concretiza.

A Psicologia Social criticava o caráter puramente individual da mente humana e ressaltava a importância da linguagem na compreensão da natureza humana, contudo, não era sua proposta estudá-la como um lugar onde tais representações emergem, materializando posicionamentos, identidades e estratégias discursivas, por exemplo. Assim, no interior dessa abordagem teórica, a interação é pressuposta, mas não é tratada como foco de investigação das representações sociais. Por isso, propomos tratá-las a partir de uma concepção interacionista do discurso, e em sua relação com noções tais como “interdiscursividade”, “dialogismo”, “gêneros discursivos”, “argumentação”, “(re)categorização”, modalização, entre outros.

Segundo Cabecinhas (2004), “o estudo das representações sociais ilustra uma tendência a que se assiste atualmente no seio da psicologia social de tentativa de articulação entre diversas áreas e de níveis de análise.” (p.135). Desafiamos, no entanto, os estudiosos do discurso não a realizar uma apropriação do termo (como definido no âmbito da Psicologia Social) pela Análise do Discurso, mas a redefini-lo neste campo de pesquisa, pois acreditamos que o modo como é concebido por Moscovici e outros não é suficiente para explicar todos os aspectos que envolvem um estudo da linguagem e do discurso.

Artigo recebido: 20/10/2011

Artigo aceito: 30/11/2011

Referências

CHARAUDEAU, P. O discurso das mídias. São Paulo: Contexto, 2006.

FARR, R.M. Representações Sociais: a teoria e sua história. In: GUARESCHI, P. & JOVCHELOVITCH, S. (orgs.). Textos em Representações Sociais. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.

JODELET, D. Representações Sociais: um domínio em expansão. In: JODELET, D. (org.). As representações sociais. Rio de Janeiro: UERJ, 2001.

MATÊNCIO, M. L. M. Práticas de leitura e escrita: abordagens discursivas das representações sociais. In: Anais do II Simpósio Internacional sobre Práticas Escritas na Escola: letramento e representação. São Paulo: USP, 2006. Cdrom. (Digitalizado).

_____. Produção de sentidos e construção de saberes na interação em sala de aula. In: KLEIMAN, Ângela Bustos & OLIVEIRA, Maria do Socorro (orgs.). Letramentos múltiplos: agentes, práticas, representações. Natal: UFRN, 2008. No prelo. (Digitalizado).

MOSCOVICI, S. Les representations sociales: un concepte perdido. Publicado originalmente em: El psicoanálisis, su imagen y su publico. Buenos Aires: Huemul, 1979. (Digitalizado).

_____. O poder das idéias. In: Representações Sociais: investigações em Psicologia Social. Editado em inglês por Gerard Duveen; traduzido do inglês por Pedrinho A. Guareschi. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

ORVIG, A.S. Éléments de sémiologie discursive. In: MOSCOVICI, S. & BUSCHINI, F. (orgs.). Les méthodes des sciences humaines. Paris: PUF, 2003.

PY, B. Représentations sociales et discours. Questions épistémologiques et méthodologiques. In: Travaux neuchâtelois de linguistique, n. 32. Neuchâtel: Université de Neuchâtel, 2000.

SÁ, C.P. A construção do objeto de pesquisa em representações sociais. Rio de Janeiro: UERJ, 1998.